

(Re)construindo imagens do eu-professor pelos caminhos da memória – educação continuada e as novas tecnologias

Neves, Vilma Fernandes; Radino, Glória

Veröffentlichungsversion / Published Version
Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Neves, V. F., & Radino, G. (2004). (Re)construindo imagens do eu-professor pelos caminhos da memória – educação continuada e as novas tecnologias. *ETD - Educação Temática Digital*, 5(2), 113-128. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-103997>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more Information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

(RE)CONSTRUINDO IMAGENS DO EU-PROFESSOR PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA – EDUCAÇÃO CONTINUADA E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Vilma Fernandes Neves
Glória Radino

Resumo

Apresentamos resultados obtidos com a pesquisa desenvolvida junto ao PEC – Formação Universitária, programa de parceria entre a Secretaria do Estado de Educação, UNESP, USP e PUC/SP, com o objetivo de promover a formação superior do professor efetivo das séries iniciais do Ensino Fundamental. Seguimos a Metodologia da Pesquisa Qualitativa, modalidade estudo de caso. A problemática investigada centrou-se nos significados construídos a partir das reflexões acerca das atuações em sala de aula, como professoras-orientadoras das monografias, dos Estágios Supervisionados e da Prática de Ensino, como avaliadoras das suas produções e provas ou como assistentes no espaço de aprendizagem *Learning Space*. Nossos objetivos foram: verificar a inserção e o desenvolvimento do professor-aluno no PEC, mais especificamente nas Oficinas Culturais onde elaboravam os trabalhos de Memória; identificar o papel e a contribuição destas atividades para seu crescimento pessoal e profissional; perceber os significados construídos a partir de suas experiências junto ao aparato tecnológico do programa, enquanto possibilidade de inclusão no universo digital e, por ele, de inclusão social. As perguntas norteadoras da pesquisa envolveram as seguintes: através das experiências junto ao programa em que medida a participação do professor universitário e do professor-aluno pode significar a redimensão das suas práticas educativas? Em que medida o programa foi bem sucedido na tentativa de favorecer a inclusão digital dos professores-alunos? Apresentamos um dos aspectos por nós enfocados em nossos estudos.

Palavras-chave

Formação continuada de professores; Novas tecnologias; Memória; Professores do ensino fundamental

(RE)CONSTRUCTING IMAGES OF THE I-TEACHER FOR THE WAYS OF THE MEMORY - CONTINUED EDUCATION AND THE NEW TECHNOLOGIES

Abstract

This study presents the results obtained from research developed in the PEC - Higher Education, a partnership program between the São Paulo State Department of Education, UNESP, USP and PUC-SP, which aims to promote higher education for tenured teachers of the first grades of Elementary Education. The research was developed through a case study method, following a qualitative research approach. The research issue focused on the meanings constructed from the researchers' reflections on classroom performance, as teacher-advisers of monographies, of Supervised Internships and Teaching Practices, as evaluators of their productions and tests or as assistants in the Learning Space. Our objectives were: to verify the inclusion and development of the teacher-student in PEC, more specifically in the Cultural Workshops where they explored their professional memories; to identify the role and contribution of these activities for their personal and

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

professional growth; to perceive the meanings constructed as a result of experiences with the technological facilities of the program, as a possibility for inclusion in the digital universe and, through it, of social inclusion. The guiding questions of the study are the following: To what extent the participation of university professors and teacher-students in the program could bring about a revision of their teaching practices? To what extent was the program successful in its attempt to favor the digital inclusion of teacher-students? We present one of the aspects focused on in our study.

Keywords

Continued teacher education; New technologies; Memory; Elementary school teachers

INTRODUÇÃO

Desejosas de compartilhar os resultados obtidos com nossa pesquisa decidimos participar do debate contemporâneo acerca do processo de exclusão social no Brasil sofrida pelos professores em geral e, em particular, os das séries iniciais do Ensino Fundamental. Diante das extraordinárias transformações por que tem passado nossa sociedade como podemos interferir na formação inicial e continuada de professores tendo em vista sua inclusão social, multiplicadores que são das propostas governamentais e formadores por excelência de crianças, jovens e adultos em suas ações cotidianas? Que alternativas têm sido buscadas para alcançar este objetivo? Que propostas aproximam-se mais das nossas inquietações quanto ao que temos feito e o que desejamos fazer, quanto ao que vislumbramos agora e apontamos para as futuras práticas educativas no âmbito escolar?

Apresentamos, assim, a pesquisa efetuada com um grupo de professores participantes do programa PEC – Formação Universitária buscando compreender o projeto em ação, as imagens que faziam de si mesmos esses professores, o entrelaçamento que passaram a fazer entre a teoria e a prática, objetivo-ideal dos propositores do programa.

Optamos, para tanto, pela Pesquisa Qualitativa que fundamenta-se no contato direto e prolongado do pesquisador com a situação e as pessoas, na obtenção de uma grande quantidade de dados descritivos, através da técnica de observação, entrevistas abertas ou semi-estruturadas, contatos informais e análise documental. Dentro da Pesquisa Qualitativa, escolhemos a modalidade estudo de caso, que bem delineado, com contornos claramente definidos, deve possuir um interesse próprio e singular e, como bem apreende André (1983), visa à descoberta, enfatiza as interpretações, em contexto, dos vários elementos que explicam a realidade vivida, retratada de forma ampla e profunda, com a multiplicidade de dimensões nela presentes, a complexidade e a inter-relação dos seus componentes constitutivos e, às vezes, os conflitantes pontos de vista das pessoas envolvidas.

Os documentos produzidos foram confrontados entre si e com a bibliografia existente e buscamos entender seu contexto ou, segundo proposição de André (1983), fazer a análise da prosa, com questões iniciais sobre o seu conteúdo, o que é que diz? o que significa? quais suas mensagens? quais os significados explícitos e implícitos? quais as contradições internas perceptíveis? comoCC entendê-las? o que é apenas aparente? sobre o que silencia?.

Escolhemos para esta investigação as atividades pedagógicas denominadas Vivências Educadoras, modalidade Memória, dos professores-alunos que cursaram o PEC – Programa

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

de Educação Continuada, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, através da Secretaria da Educação, em parceria com a UNESP, USP e PUC/SP, no período de agosto de 2001 a dezembro de 2002. O programa foi responsável pela formação superior de professores efetivos da rede pública do Ensino Fundamental.

Uma trajetória que, desde seu início, passou necessariamente pelos inúmeros desafios impostos, pelas certezas e dúvidas quanto à possibilidade de resultar num projeto bem sucedido. Desafios, cotidianos e inúmeros, em trabalhar com uma proposta tão inusitada quanto a de possibilitar formação universitária e em serviço para professores de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino Paulista em um curso, em muitos momentos, semi-presencial e com muitas atividades virtuais

Achamos, assim, que esta investigação precisava ser partilhada e permitir reflexões capazes de assegurar a continuidade daquilo que deu certo e precisa ser mantido, de auxiliar na superação dos problemas evidenciados ao longo do caminho percorrido e de aperfeiçoar este tipo de programa.

Selecionamos o grupo de alunas-professoras de Matão, pólo de Assis, onde atuamos como professora orientadoras e assistentes, recorrendo às atividades pedagógicas denominadas “Memórias”, narrativas por elas elaboradas contendo suas reflexões acerca de momentos vivenciados, quer como alunas, quer como professoras, entrelaçando seu ser, seu saber e o seu saber-fazer.

As memórias selecionadas foram tratadas como atividades pedagógicas, relatos de experiências profissionais, imbricadas com vivências pessoais. Esta documentação, construída desta maneira, foi tratada com os cuidados exigidos com os outros tipos de documentos utilizados em Pesquisas Qualitativas.

Alguns autores foram importantes para fundamentar essa escolha e tratamento. Destacamos o trabalho de Nóvoa (1995) que muito pode elucidar essa reflexão ao lançar um novo olhar sobre a formação do professor. Dando voz ao professor e considerando seu desenvolvimento pessoal como um fator determinante no seu desempenho profissional, passamos a conceber a educação dentro de uma nova perspectiva. Como Nóvoa (1995) aponta, o determinante do fazer profissional é o que somos como pessoas (p. 17). Esse postulado vai influenciar diretamente a formação de professores. “Será que a educação do educador não se deve fazer mais pelo conhecimento de si próprio do que pelo conhecimento da disciplina que ensina?” (LABORIT apud NÓVOA, 1995, p. 17).

Partimos, então, de uma vertente que considera de fundamental importância a pessoa do professor como determinante em sua prática pedagógica. Como afirma Jean (1990),

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

“Qualquer pedagogia do imaginário começa no momento em que os professores e os alunos se percebem enquanto seres vivos e não enquanto personagens”. Tornar-se um ser único, vivo e determinante deste processo não é fácil, principalmente por se tratar de um programa que utiliza novas tecnologias, o ensino à distância e atendeu, só na UNESP, a mais de três mil professores. O risco que se pode correr em um projeto desta envergadura, é o de tratar pessoas como uma massa homogeneizada em mais um curso de aperfeiçoamento. Mas, preferimos romper essa barreira e ir mais fundo já que estava em jogo também o nosso percurso profissional. Procuramos, então, aproximarmo-nos desses professores e ajudá-los nessa trajetória.

Para deixarmos de ser apenas mais um personagem dessa história, foi preciso romper barreiras e arriscar. Diante dessa “*tentação de intempérie*”, como afirma Savater (1982, p. 2), decidimos sair com essas professoras-alunas em busca de perigo. Com medo, procuramos ser despertados nessa busca interior de ser professor mas acima de tudo, ser alguém que possui uma história passada e determinante desse presente. História que não se acaba mas se renova e torna-se aventura no momento em que pode ser partilhada. Aventura tão bem retratada por Savater (1982), que nos ajuda a olhar esse percurso como uma possibilidade de amadurecimento. Se correr mundo é arriscar-se e aceitar a possibilidade de perder-se, é também a chance de reencontrar-se e tornar-se diferente, ser único e criador de sua própria história, como ser humano e como professor. Foi preciso romper com a tranquilidade, com o apático e com o mecânico.

Foi um processo doloroso que permitiu a perda da certeza e a busca de um novo significado, passando determinantemente pela reflexão pessoal. Esse processo permitiu uma introspecção e um reconstruir de muitos dos professores-alunos envolvidos. Procuramos desvelar os silêncios, o não dito mas que se deixa entrever, as motivações manifestas e latentes, os desejos, os conflitos, o movimento se constituindo naquela manifestação. Foi preciso romper sérias barreiras para aceitar o novo e que, no dizer de uma professora, “a memória não é sonho, é trabalho”.

Escolhemos quatro momentos de escrita das memórias que nos pareceram especiais e muito reveladores daquilo que procurávamos desvelar. O primeiro momento coincide com a reflexão da primeira avaliação a que foram submetidos os alunos-professores. Em suas reflexões, submerge a ambivalência diante da proposta do PEC. De um lado, a atração pelo novo e a possibilidade de realizar um desejo antigo de uma formação universitária com todo o status único que isso representava. De outro, o conflito deflagrado pela resistência dos alunos-professores não conseguindo se distanciar e abandonar a sua própria situação e descentrar-se do eu-professor para concentrar-se no eu-aluno se construindo.

Em função da crise despertada, foi proposta, após a avaliação, uma atividade com a

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

finalidade de atingir esta descentração e permitir uma reflexão pela apresentação de uma imagem tridimensional simuladora de uma situação inusitada ao seu final a ser interpretada por eles. Este momento revelou a precariedade da formação o que, pelo fracasso na avaliação, suscitou uma primeira constatação do seu não-saber e a necessidade de sair em busca de aprendizagem.

O terceiro momento foi registrado durante e após o primeiro encontro promovido pelo pólo de Assis reunindo todos os seus participantes. Momento mágico que proporcionou conhecimento e auto-reconhecimento, o toque amigo e pessoal, o afeto prenhe de contato e de partilha. Aprendizado de que em educação, como na vida que a envolve, as lacunas precisam ser preenchidas com pessoas permeadas por seus gestos, ambigüidades e singularidades e os conflitos com diálogo, com a compreensão do outro, com afeto.

Escolhemos, por fim, a última memória contando sua trajetória no curso, no calor da hora e com tudo acontecendo como num carrossel veloz, diante de um acúmulo de atividades: finalização da monografia, vivências sugeridas para os estágios supervisionados, leituras propostas, videoconferências, tele-conferências, *Learning space*, etc. Pudemos perceber a trajetória (anterior e no processo) se construindo e construindo os sujeitos desta história.

Extraímos deste quadro referencial as seguintes categorias descritivas; a estabilidade do professor/a resistência ao novo; o desamparo do professor; a quebra da resistência/o encontro-reencontro/a busca do amadurecimento. Buscamos apreender os diferentes significados que estes participantes atribuíram aos momentos vivenciados e como eles se imbricaram nesta trajetória assim constituída.

Apresentamos alguns dos resultados obtidos focalizados no primeiro momento – o do início do programa, quando os professores-alunos começaram a buscar outros significados e outras imagens de si mesmos.

(RE)CONSTRUINDO IMAGENS DO EU-PROFESSOR PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA

Logo ao iniciar-se o programa ficou muito nítida uma certa ambivalência de sentimentos com relação ao curso. Por um lado havia a atração e a sedução pois estes professores percebiam a qualidade da proposta: um grande projeto envolvendo três grandes universidades paulistas que lhes possibilitaria a realização de um sonho antigo de formação superior.

Por outro lado, houve uma grande resistência e uma rejeição inicial dos professores-

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

alunos, de setores das universidades e de parcela dos próprios participantes do PEC. Nós mesmas sentíamos um certo estranhamento diante do novo, da perda do contato com os alunos de carne e osso e da possibilidade de autonomia na criação do processo em todas as suas fases.

Embora perceptível era-nos difícil traçar o contorno dessa grande insatisfação que se instalava. Fez-se, então, necessário ir à fonte e ouvi-los, deixá-los falar. A inquietação que crescia e parecia submergir a todos pode ser resumida em três vertentes que se entrecruzavam e agiam como interfaces perpassando as atividades e tendendo a prejudicá-las quando não comprometê-las, segundo relatos de alguns tutores.

A primeira vertente revestia-se de um discurso de que a Secretaria de Educação havia escolhido e imposto o programa aos professores que não teriam sido consultados e, mais grave para eles, seu uso político-partidário que saltava aos olhos dado ao seu início e fim para coincidir com a atual gestão do governo estadual paulista.

Outra questão era quanto à qualidade de um curso a ser ministrado em um ano e meio, acompanhado por tutores e não professores universitários; semi-presencial no contato com esses últimos; alocados nos CEFAMs (espaço de formação de professores no Ensino Médio) e não em faculdades; com muitas unidades e conteúdos a serem apresentados virtualmente.

Os materiais produzidos para o acompanhamento do curso nos CEFAMs eram objeto de outras críticas. Ora eram tidos como muito extensos e repetitivos, ora como muito difíceis de serem acompanhados por quem deixara de estudar há muito tempo, ora eram tidos como inócuos pois os professores, ao menos na fala, afirmavam que já procediam da forma como proposta nos textos.

Os professores sentiam-se menosprezados e diminuídos por ter sido esta a opção da Secretaria de Educação. De maneira contraditória, porém, sentiam-se atraídos e seduzidos pelo programa e pela possibilidade de fazer um curso superior, como muitos almejavam e não tinham conseguido até aquele momento. Ficava evidenciada, também, a dificuldade dos alunos-professores em abandonarem o lugar estabelecido do professor e assumir a posição do não saber, condição necessária à aprendizagem.

No começo do PEC, achava que era muito boa na profissão que escolhi e que precisava apenas de um diploma como forma de documento para continuar no exercício de minha função. O início do curso foi muito tumultuado, tivemos que aprender a utilizar novas tecnologias, não havia giz e apagador, mas uma parafernália informatizada. PRONTO! Saíamos da nossa área de conforto e começávamos a questionar que curso é esse que não tem professor? Por que temos que fazer essa atividade que parece não ter sentido? Tivemos que descer do nosso pedestal de donas da razão e ouvir os colegas debater, tirar

conclusões. Acho que a partir daí já estávamos exercitando a reflexão. (Miriam).

Huberman (1995) apresenta uma reflexão que nos ajuda a compreender essa situação descrita, questionando se os professores percorrem etapas e crises semelhantes na sua prática docente. Seus estudos são importantes para nos ajudar a pensar em que momento esses professores se encontravam antes de ingressar no PEC.

Tratava-se de pessoas com ampla experiência profissional, contando entre dezesseis e vinte e cinco anos de carreira, prevalecendo o sexo feminino. Esse perfil revela-nos determinadas características em comum e ajuda-nos na reflexão na crise que o PEC nelas desencadeou e que, no nosso entender, já estava para ser deflagrada. Identificamos para esse grupo, uma fase de estabilização que, independentemente da idade, relaciona-se a um foco no domínio de características do trabalho e em uma especialização.

O desenvolvimento profissional é considerado por Huberman (1995) como um processo de idas e vindas e que comporta sete fases no percurso da docência: a entrada na carreira; a fase de estabilização; a fase de diversificação; pôr-se em questão; a fase da serenidade e distanciamento afetivo, a fase de conservantismo e lamentações e por último, o desinvestimento.

Para nós, interessa explorar a fase de estabilização em que há um comprometimento profissional que pode concretizar-se em uma nomeação oficial. Essas professoras do PEC encontravam-se em uma fase de estabilização profissional, tendo sido efetivadas por um concurso público de efetivação no magistério. Por outro lado, para continuar em sua carreira, há uma pressão por parte do poder público para que tenham um curso superior concluído até o ano de 2007.

Essa escolha implica em assumir uma identidade profissional e renunciar a outras possibilidades. Em outras palavras, o professor assume, nesse momento, compromissos de forma mais conseqüente, encaminhando-se para a maturidade. O autor indica que a fase de estabilização é acompanhada por um sentimento de competência, percebida nos relatos dos alunos-professores do PEC. Há um sentimento de “conforto” que essa fase garante.

Além da fase de estabilização descrita pelo autor, interessa-nos ressaltar a fase do pôr-se em questão, identificada por um questionamento que pode surgir pela rotina da vida cotidiana da sala de aula, anos após anos, pelo desencanto devido às experiências fracassadas ou pelas reformas estruturais que desencadeiam uma crise.

Após o momento da aplicação da primeira avaliação foi-lhes pedido que fizessem reflexões procurando deslocar-se para o papel do aluno. Dentre outros aspectos há que se destacar o clima de muita ansiedade e nervosismo que a precedeu – o que tendeu a melhorar

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

durante a trajetória sem ser, no entanto, eliminado. Os professores-alunos consideraram a avaliação muito tradicional na forma, no conteúdo, na preparação das classes (separação da turma em duas salas diferentes, determinação dos lugares, a fiscalização do diretor do CEFAM), nos critérios para sua correção. Vejamos como se expressam:

Alguns dias antes da avaliação do dia 6 de outubro já estava me sentindo preocupada e tensa.

Minha preocupação aumentou ainda mais quando fiquei sabendo dois dias antes da prova que precisaríamos tirar pelo menos 6,0 para não ficarmos de recuperação. Isto deixou-me angustiada, pois senti um desconforto grande só em pensar o quanto seria desagradável, para mim, tirar uma nota abaixo da média, significava fazer outra prova – de recuperação. Pensei no quanto ficaria humilhada perante minhas amigas e minha família. Sentiria um certo acanhamento ao demonstrar incapacidade, dificuldade no meu desempenho como aluna que sou novamente pois, como professoras, às vezes criticamos, fazemos comentários a respeito dos alunos que não conseguem notas boas nas provas, não só notas boas mas, pelo menos, um desempenho razoável.

Ao receber a prova comecei a ficar ainda mais nervosa. Lia as questões, relia e não conseguia me concentrar. Parecia que tudo se misturava, tudo parecia “grego”.

A primeira questão, que valia dois pontos, tirei zero! O que me deixou inconformada quando recebi a prova e vi o quanto o meu nervosismo me atrapalhou no sentido da interpretar a afirmação daquela atividade e justificá-la, pois o assunto havia sido tão estudado, tão comentado, eu tinha certeza de que este conteúdo estaria presente na avaliação e mesmo assim errei!

(...) Ao receber a avaliação já corrigida tive sensações de espanto, indignação e raiva ao ver que havia recebido zero nas questões número 1 e 4 mas, ao mesmo tempo, fiquei conformada e, por que não dizer? Feliz, não pelo sete que tirei, mas ao ver que nas demais questões tirei a nota máxima, acertei-as na íntegra.

(...) A sensação de ser avaliada, principalmente agora, depois de tantos anos, é uma sensação de insegurança, fico muito preocupada e, até mesmo estressada, ao contrário do que sentia quando era mais nova. Lembro-me que nesta época eu ficava descontraída, tanto antes quanto durante as provas, não sentia este mal estar que senti agora, talvez porque não levasse tão a sério esta situação. (Ângela Maria)

Outro relato:

Feita a reflexão sobre a avaliação aplicada no dia 06 de outubro e, me colocando no ‘papel do outro’, posso dizer que não foi uma experiência das mais agradáveis. Preponderou a ansiedade e a expectativa do desconhecido.

Embora reconhecendo que estamos cursando uma Universidade, deveria ser levado em conta que estamos há anos afastados da escola, como alunos. Fomos sobrecarregados em nossos deveres (trabalho, família, universidade), o que nos dificulta o exercício da leitura e da pesquisa.

Se fazia necessário mais orientações, atividades semelhantes às que foram cobradas na avaliação, para que a adaptação ocorresse aos poucos. As questões eram complexas e dissertativas, contrapondo-se à sistemática do aprendizado.

Todo o tempo do curso fizemos trabalhos, discussão e pesquisa em grupo. Quando da avaliação, impuseram-nos a individualidade, fato que acarretou maior insegurança.

(...) Esta foi a mais traumática das avaliações que já fiz e o que mais me inquieta ainda é como serão as outras. Estarei apta à prestá-las? Tudo é muito difícil(...) (Maria Aparecida Aroca)

As memórias super valorizam o momento da avaliação e o que ela poderia significar seja do ponto de vista de sua positividade ou negatividade. Lamentam que pelos critérios do PEC não possam ter qualquer nota por uma resposta incompleta ou meio incorreta, tirando zero mesmo tendo respondido alguma coisa sobre o assunto, norma repetidas vezes alertadas para não seguirem nas avaliações dos seus próprios alunos, uma vez que são estimuladas a aplicarem uma avaliação diagnóstica e formativa num processo ensino-aprendizagem que se propõe construtivista. Sentiram-se traídas e procuram revestir sua insegurança e temor diante das avaliações com um discurso acomodador quando não racionalizador ao extremo. São professoras como aceitar que obtenham notas abaixo da média nas avaliações e corram o risco de terem de fazer a recuperação? Não conseguem, ainda, se fazerem sentir como alunas, parceiras essenciais desta trajetória rumo à construção do conhecimento.

Ressaltamos que o seu próprio andamento nos revelou o que estava encoberto por detrás destas considerações: o despreparo dos professores para retomar os estudos com conteúdos tão aprofundados (para eles especialmente preparados e com eles dialogando o tempo todo), usando um processo interativo com mídias tão inovadoras e absorventes e fazendo um percurso que os conclamava a, de maneira crítica e reflexiva, entrelaçar a todo momento sua experiência profissional e a teoria revisitada. A insegurança e o temor não podiam ainda ser suplantados pela sedução e pelo desejo.

A primeira avaliação, como fica evidenciada por estas falas, mostrou-se como um momento privilegiado para elaborarmos com os professores estas reflexões e procurar fazê-los situar-se no processo, enquanto sujeito dele e não seu agente passivo. Tarefa árdua e inglória no princípio para todos nós nele envolvidos.

A avaliação detonou um processo de desvalia, insegurança e incerteza. Essas pessoas encontravam-se afastadas das carteiras escolares há anos. Assumiram um papel profissional como professores, construindo uma identidade e um ser professor que não tinha espaço para o questionamento, para o vazio. Zerar algumas questões ou serem colocadas à prova, sob suspeita (diante do coordenador do CEFAM), igualou-as como alunas, numa massa uniforme de incertezas e não saber. Este diretor acabou ocupando o lugar de um pai terrível e ameaçador. Resta-lhes a revolta ao autoritarismo imposto e indevido pois não partira de nenhuma solicitação da parte do PEC de assim proceder. Posicionar-se contra essa figura “paterna” provoca, por outro lado, o abandono. Total desamparo cuja reação foi de medo até chegar aos limites do trágico, como a situação abaixo descreve.

A avaliação do dia 06 de outubro foi marcada por acontecimentos que não irei mais esquecer, bem como o curso.

(...) Durante a 'prova escrita', ao observar as perguntas, achei-as técnicas, de difícil entendimento. Comecei a consultar meus materiais (anotações, videoconferências e teleconferências, etc.) com demora, pois não temos tempo de leituras extras.

Nossa turma, a maioria de Araraquara, viaja até Matão e deixamos muitos compromissos para trás. Não há mais tempo, às vezes, de almoçar. Sinto-me frustrada, pois tudo é feito correndo, não há como preparar uma aula, planejar, auto-avaliar, refletir, reciclar e, se sobra algum, este é dedicado à família.

Com todas essas preocupações e correria, acabei por deixar o celular ligado e num momento houve uma ligação em que recebi a notícia de que meu pai havia dado entrada na UTI (por infelicidade do meu cunhado ligar-me naquela hora) e veio a falecer três dias depois. Portanto, o PEC e a avaliação vieram no pior momento da minha vida, pois não pude acompanhar o tratamento do meu pai como o acompanhei em 1999 até antes de começar o curso, em 2001, levando-o aos médicos, exames, hospitais e me cobro por tudo isso, ficando marcado para sempre. (Isabel Oliveira Andrade)

O drama dessa aluna, não se refere só à morte física do pai. Interessa-nos a representação simbólica dessa morte. É essa que vai atingir a todos como consequência da revolta diante da figura do pai ameaçador que acaba por desvelar todo o sentimento de insegurança, desvalia e impotência. De alguma maneira, esse processo foi detonado durante a mais trágica de suas avaliações. Avalia-se o que? Essa mesma aluna responde que não é o que se sabe mas, pelo que pudemos perceber, é aquilo que não se sabe:

Como utilizar o nosso saber? O que é útil saber? É útil saber porque vivemos. É útil saber pensar no sentido da vida porque assim ensinamos aos nossos alunos a ter a capacidade de escolher, com a cabeça bem feita. (Isabel Oliveira Andrade)

Assim também, quando a criança pequena começa a questionar os adultos com incontáveis por quês, ela não quer saber racionalmente sobre um determinado objeto mas sim, sobre sua própria existência. Quer saber se nós a amamos e se ela é desejada enquanto ser humano. Essa marca se instaura, desde as primeiras questões que a criança lança aos pais, marca de um ser desejante em formação que se vê na posição de quem não sabe. Posição que lhe causa pânico e desamparo, como nessa professora, em que aquele que a desejou, como seu pai, parte, no momento em que ela precisará se afirmar como alguém distinto, destituído de seu lugar privilegiado, porém incerto, de uma certeza de “ser professor”. Agora, perdido o pai, essas professoras perdem o lugar de filhas. Devem se tornar alguém diferente, que não sabe e sai em busca de algo ou de alguém que lhes diga quem são.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em dezembro de 2002 após um ano e meio de exaustivos trabalhos de leitura e de compreensão crítica dos textos elaborados; de inúmeras avaliações das áreas de conhecimento; da participação nas Vivências Educadoras e nas Oficinas; da Prática de Ensino e dos Estágios Supervisionados; entregue as monografias, pudemos constatar que o PEC lograra alcançar aquilo que se propusera desde seu início: entrelaçar o saber prático dos professores a uma internalização da teoria, possível de ser vislumbrada nos diferentes âmbitos de produção dos participantes, na sua atuação em sala de aula, no amadurecimento intelectual na trajetória, numa outra postura em relação à escola, à sala de aula e à produção do conhecimento científico que se transforma em saber escolar, na aquisição de um olhar crítico e perspicaz sem a ingenuidade e o espontaneísmo perceptível nas suas argumentações iniciais muito permeadas pelo senso comum.

Suas memórias, mais uma vez, mostram-se o material ideal para compreendermos melhor essa caminhada, permeada de muitas dúvidas, muitas ansiedades, muitos temores, muita força de vontade e garra para superar os obstáculos que se interpunham. O último trabalho de memória a elas pedido constava de uma reflexão acerca da sua trajetória junto ao curso, no que ele significava de aquisição de uma nova postura frente ao conhecimento e à prática educativa no contexto da sala de aula. Embrenharam-se no programa, fizeram a viagem de auto reconhecimento, desbravaram a si e ao conhecimento que se lhes avizinhava, fizeram-se pessoas, alunas sem deixarem de ser professoras, esposas, mães, filhas. Aprenderam a se reconhecer. Tiveram que estudar muito e gostaram. Reaprenderam a auto reflexão e o diálogo gratificante com o saber. Perceberam-se únicas e múltiplas ao mesmo tempo e o exercício da memória mexeu com o seu âmago, com o recôndito mais enovelado e fez com que vasculhassem um baú de lembranças, de sentimentos e emoções, incômodos alguns, que apreenderam e conseguiram melhor entender, agora no fim dessa caminhada, início de outras assim vislumbradas. Emergiram inteiras no processo. Suas falas são eloquentes. Vejamos essa,

O processo de escrita das minhas memórias levou-me a tirar a máscara. Imaginem-se diante de uma imagem refletida num espelho, imagem que você cria, que você quer ver, que acredita ser a ideal, permitindo a falsa modéstia de dizer, a onipotente. De repente puxa a máscara e vê rapidamente a sua imagem refletida, assustada.

Volta a colocar a máscara mas, não a enxerga como antes, parece que ela não se ajusta. Alguma coisa incomoda.

Tira-a novamente e encara sua imagem de maneira mais firme, agora mais atenta vai se lembrando dos detalhes da infância, da escola, de uns detalhes aqui, de outros ali, das

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

brincadeiras, dos livros, do concurso (de ingresso no magistério), da primeira aula, da retomada e de uns detalhes aqui e de outros ali.

Alimenta-se deles, mexe, remexe, forma nós na garganta, dói o peito, arde o estômago, remói o coração, escreve e apaga mas, a lembrança acende um desejo, parece um fio condutor e quando você se dá conta é só fechar os olhos e lá estão elas, vivas, presentes, pulsando, você consegue até sentir o cheiro e daí não tem jeito, ou você coloca-as para fora ou veste, novamente, a máscara. Mas será que ela servirá?

Quando iniciei no PEC pensava e até falava que seria mais um curso dentre tantos de que ouço falar, que passaria somente conteúdos e atividades para estudarmos e aplicá-los em sala de aula ... Grande engano. Quando chegaram os Módulos foi crescente o comprometimento em entendê-lo e fazê-lo refletir-se em minha prática. Não vou afirmar que foi fácil mas o material a que tivemos acesso e que foi vivido, particularmente, nas Vivências Educadoras contribuíram para explorar o que nos acontece no nosso dia-a-dia em sala de aula, na escola, no seu entorno, que, na realidade, ajudamos a fazer, também temos nossa parcela de cumplicidade. Foi, inclusive, um ato reflexivo de todos os envolvidos que ocupavam o espaço escolar, de maneira mais intensa ou não, todos desviaram seu olhar através de entrevistas, questionários, seminários, na análise do contexto em que as vivências aconteceram.

Hoje posso afirmar que reformulei meus conceitos, tenho um novo olhar, mais consciente, mais comprometido. Cresci muito com a elaboração da monografia, um grande fantasma que me assustava, comecei a comungar minhas vivências, plantei conflitos, colhi muitos também. Foi uma escolha que, com certeza, ficará na memória mas, numa memória sem máscara.

Portanto, continuarei a procurar conflitos para me deparar na eterna pergunta: para quê estou fazendo algo. E saber é fundamental para dar um sentido á aprendizagem, um sentido naquilo que abracei e que gosto de fazer, de ensinar, de socializar, aprender, partilhar, fazer-se uma equipe.

A assessoria que foi-nos oferecida pelo PEC garantiu-me uma oportunidade única e afirmo isso com muita propriedade. Gostaria que dessem continuidade a tudo isso pois crescemos na seriedade com que se fez cumprir esta proposta. Hoje sou resultado – vocês mostraram-me caminhos e eu continuarei caminhando. (Nelly)

Estas memórias estão permeadas pelo tempo que foi, pelo tempo que é e pelo tempo que virá... Nossas conquistas... Novos desafios. As conquistas passam necessariamente pela formação universitária propiciada pelo programa que lhes exigiu deslocar-se de si mesmas e voltar-se, generosamente, para o intenso processo de ensinar e aprender. Os novos desafios colocam-se como os de ensinar o aprendido, apreendido, apropriado, agora em sala de aula no contexto da escola que aprenderam a ver com outro olhar, mais diagnóstico, crítico e analítico. As conquistas não terminam com o término do programa e devem-se infiltrar-se, contaminar, contagiar suas vidas no âmbito pessoal, profissional e social, sujeitos que se fizeram dessa história.

Assim, nossa pesquisa encontra as dimensões que para Nóvoa (1992) sustentam o processo identitário dos professores: adesão, ação, autoconsciência. A cultura pessoal e saber docente entrelaçam-se na formação desta identidade e desta história que se imbrica com outras histórias construídas. A formação de identidade passa pela capacidade de exercer esta atividade com autonomia, de exercer controle sobre o trabalho. A forma como

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

se ensina depende daquilo que somos, entrelaçando-se, assim, o eu profissional e o eu pessoal.

Tivemos que aprender a fazer a caminhada na caminhada, o que exigiu muito envolvimento nas atividades desenvolvidas, argúcia para compreender os diferentes momentos e sentimentos vividos e interferir sempre que necessário e muito comprometimento com os professores-alunos e com o programa. Muitas vezes o acúmulo de tarefas não permitia um processo de reflexão contínuo e nos parecia que cada um de nós levava sozinho um curso de graduação nas costas dado o caráter pouco sistematizado de algumas atividades, próprio de um programa que envolvia tantos aparatos tecnológicos, um material totalmente produzido para aqueles alunos de forma inteiramente dialogada e com orientações muito aprofundadas e muito precisas para a elaboração das monografias, para a inserção junto à Prática de Ensino e ao Estágio Supervisionado e para o aproveitamento maximizado dos textos e das atividades propostas exigindo seu constante entrelaçamento.

Os professores-alunos tiveram que vencer as resistências iniciais e forjar uma convivência diária em sala de aula sem um professor universitário, aprender o debater, o ouvir, o discordar, o não ter certezas e o tirar as dúvidas pela sala de videoconferência ou pelos *chats* e construir um conhecimento assim mediado. A desconstruir o já conhecido e instalado e abrir-se ao novo, ao não experimentado e não vivido. Os que assim fizeram amadureceram na caminhada não só reconstruíram seus conhecimentos como refizeram-se a si mesmos num processo lento de reconhecimento e de nova identidade em formação.

Não podemos, no entanto, ser ingênuos e supor que o processo envolveu a todos, ao mesmo tempo e da mesma maneira. Houve quem soube perceber a qualidade do curso oferecido e conseguiu aproveitar todas as etapas com a mesma intensidade, aprender muito e redimensionar sua prática a partir da teoria revisitada. Muitos de nós, professores universitários, envolveram-se muito no programa, puderam refletir e criar espaços para abertura e transformação da sua prática educativa. Mas é verdade, também, que uma proposta de formação universitária de professores do Ensino Fundamental, tão inovadora na forma e no conteúdo, que enfrentou uma postura de um curso presencial com tantas atividades semi-presenciais e virtuais, sem deixar-se caracterizar como um curso à distância ou de baixa qualidade, o que de fato não foi, não pode ficar à mercê do voluntarismo de seus participantes e, dessa maneira, devemos unir esforços para repensar a formação continuada desses professores para garantir-se que ela seja de boa qualidade, que sua inclusão digital se efetive de fato, que a perspectiva de se integrar sua experiência profissional e a teoria não se banalize contentando-nos apenas com a proclamação de um novo saber-fazer em sala de

aula.

Temos que interferir neste debate com o nosso saber, o nosso ser, o nosso fazer, de tal maneira que nunca estejamos prontos e assim poder dizer “*Mire, veja: o mais importante e bonito do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão.*” Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli E. D. Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.45, p.66-70, maio 1983.

_____. Estudo de caso: um potencial na educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 49, maio 1989.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Ed.Porto, 1995, p. 31-62.

JEAN, George. **Cultura pessoal e acção pedagógica**. Rio Tinto: Edições Asa, 1978.

SÃO PAULO (Estado). Secretária de Educação do Estado de São Paulo. **PEC – Formação Universitária**: manual do aluno. São Paulo: SEE, 2001.

SÃO PAULO (Estado). Secretária de Educação do Estado de São Paulo. **PEC – Formação Universitária - Matriz Metodológica**, SEE-SP, 2001.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Ed.Porto, 1995, p. 11-30.

SAVATER, Fernando. A paisagem dos contos. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, ano 10, n.8, p. 4-6, 1982.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

CHEVALIER, J. ; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. 2.ed. Trad. Vera da Costa e Silva et. al. Rio de Janeiro: José Olympio. 1989.

FREUD, S. La interpretacion de los sueños. In: _____. **Obras completas**. Trad. Luis Lopez-Ballesteros y de Torres. 4.ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. v.1, p.343-720.

_____. Sobre la psicologia del colegial. In: _____. **Obras completas**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p. 1892-1894.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Comunicação e Tecnologia

_____. Los instintos y sus destinos. In: _____. **Obras completas**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p. 2039-2052.

_____. Lo Inconsciente. In: _____. **Obras completas**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p. 2061-2090.

_____. Duelo y melancolia. In: _____. **Obras completas**. Madri: Biblioteca Nueva, 1981. v.2, p. 2090-2100.

KINSHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M. E. D. A.. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

SILVA, M. C. P. da **A paixão de formar**: da psicanálise à educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VIVÊNCIAS educadoras, modalidade. Memórias elaboradas pelas alunas-professoras de Matão, Pólo de Assis do PEC – Formação Universitária, tutora Fernanda Cassiola, professora orientadora Vilma Fernandes Neves.

VILMA FERNANDES NEVES

Professora do Programa de Pós-Graduação,
Mestrado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná,
Linha de Pesquisa: Práticas Pedagógicas: elementos articuladores
Professora aposentada da UNESP/FCL/Assis
Mestre em História e Doutora em Educação
e-mail: Hmavil2@uol.com.br

GLÓRIA RADINO

Professora do Depto de Psicologia Clínica
UNESP, FCL/Assis,
Mestre em Psicologia e Doutouranda em Psicologia

Recebido em: 10/05/2004

Aceito em: 26/07/2004